

DO CAOS À CRIAÇÃO: UMA LEITURA DA OBRA DE STELA DO PATROCÍNIO

*FROM CHAOS TO CREATION: A READING OF DE WORK OF STELA DO
PATROCÍNIO*

Louise Bastos Corrêa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo mostrar como, em um espaço de clausura, foi possível encontrar um mecanismo de sobrevivência: a linguagem. Trazendo à tona uma autora que não é muito conhecida na historiografia literária - Stela do Patrocínio - e que faz essa possível ponte entre a literatura e a loucura, investigaremos o tratamento literário que a loucura e sua linguagem recebeu. O discurso do louco se mantém em sua fragmentação delirante, e escorre como um líquido derramado, pois o que temos é uma fala atravessada por outras falas. Nesses discursos o "autor-louco" fala de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar. De acordo com a pesquisa, pretendemos fazer um estudo crítico da obra de Stela do Patrocínio – *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* – mostrando como ela desenvolveu a sua própria linguagem. A comunicação pretende, assim, trazer para debate aqueles que sempre foram excluídos e colocar em voga a voz abafada e muitas vezes sufocada daqueles que só conheceram a dor e o preconceito, pois seu discurso nunca foi legitimado.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Loucura; Linguagem; Memória; Discurso

ABSTRACT: This article aims to show how in a cloistered space was possible to arrange a survival mechanism: language. Bringing out an author who is not well known - Stela do Patrocínio - and that makes this possible bridge between literature and madness, we will investigate the literary treatment that madness and language received. The crazy speech remains in his delusional fragmentation, and runs as a splash because what we have is a line crossed by other lines. In these speeches the "author-crazy" talks about his condition as one can see from the outside, which means unfold. According to the research, we intend to make a critical study of Stela do Patrocínio - *Kingdom of the animals and of animals is my name* - showing how the author developed his own language. The communication aims to then bring debate to those who have always been excluded and put in vogue the muffled voice and often stifled those who only knew the pain and prejudice, because his speech was never legitimized.

KEYWORDS: Literature; Madness; Language; Memory; Speech

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método da libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro.

Octavio Paz

INTRODUÇÃO

Apresentar uma autora que não é muito conhecida nem sempre é uma tarefa

fácil. Quando essa autora passou boa parte de sua vida internada em um manicômio sem ser reconhecida por qualquer pessoa, fica ainda mais árduo o trabalho. Porém, o que motiva um pesquisador, senão o prazer de investigar e caminhar por lugares poucos explorados ou mesmo nunca navegados? Esse é o intuito desse artigo: dar voz àqueles que não são reconhecidos usando a palavra - seja escrita ou falada - como um mecanismo de segurança e proteção de uma singularidade, tornando-se assim, visível, em pleno movimento, também, de escuta.

Reino dos bichos e dos animais é um livro organizado pela filósofa e psicanalista Viviane Mosé, que teve seu primeiro contato com Stela do Patrocínio no final da década de 90 em função de sua tese de doutoramento, na qual estudava a relação entre sujeito e linguagem em Nietzsche. Graças a esse encontro fortuito, foi possível tirar do anonimato alguém que nunca tinha sido ouvida. Como podemos observar abaixo, o que nos é apresentado é o resgate de uma identidade que estaria marcada pelo esquecimento:

A primeira coisa que é preciso ressaltar, em relação à presente publicação, é que se trata de uma transposição: o que foi uma fala aparece aqui como escrita. Tratam-se de dois universos distintos e que permanecerão distintos. Não apenas porque desconhecemos o que Stela teria escrito, já que escrever respeita a um tipo de estruturação de linguagem, como também porque, ao transpor esta fala para a escrita, não estaremos reproduzindo o que ela disse. A fala não pode ser desvinculada do som, da tonalidade, da musicalidade que a acompanha. Principalmente em se tratando de Stela, que falava de uma forma muito própria; suas palavras, extremamente bem pronunciadas, eram sempre carregadas de muita emoção. Essa força interpretativa o texto impresso não pode ter.
(MOSE, 2009, p.19-20)

A linguagem será o objeto central dessa investigação, pois o discurso da loucura se mantém em sua fragmentação delirante produzindo sentidos em uma lógica oposta à “normal”. De acordo com a proposta da comunicação, pretendemos apontar algumas especificidades na obra de Stela do Patrocínio, mostrando como a interna se relacionou com as suas impossibilidades e seus padecimentos e conseguiu, assim, construir um modo próprio de lidar com suas angústias.

Em seu livro *O mito da doença mental*, Thomas Szasz critica a maneira que os “loucos” ou os excluídos da sociedade são tratados, apontando a importância da percepção em cada situação, pois o autor acredita que qualquer rótulo, acima de tudo,

é uma construção social, e portanto, é preciso ter muito cuidado ao denominar alguém, como podemos observar abaixo:

(...)Os artistas pintam quadros, e as pessoas tornam-se ou fingem-se doentes. Mas os *nomes*, e portanto os *valores* que damos às pinturas – e às doenças – dependem das regras dos sistema de classificação que usamos. Tais regras, entretanto, não são estabelecidas por Deus, nem acontecem “naturalmente”. Em consequência, se todos os sistemas de classificação são criados pelas pessoas, é necessário que se esteja a par de quem criou as regras e com que propósito. Se deixarmos de tomar essa precaução, correremos o risco de permanecermos alheios às regras precisas que seguimos, ou pior, de confundirmos o resultado de uma classificação estratégica com um evento que “ocorre naturalmente”.
(SZASZ, 1974. p.50)

Seguindo essa linha de raciocínio, o sujeito seria apenas o que estaria designado a ser, e caso não conseguisse sair dessa armadilha, estaria marcado por toda sua vida. O tempo todo, ao ser inserido em uma sociedade em que existe a necessidade de classificar ou nomear, aqueles que são taxados de loucos se veem muitas vezes impossibilitados de caminhar além desse rótulo, dificultando assim, a possibilidade de construir a sua singularidade de maneira coesa e inteira.

E como forma de sair da eternidade da loucura, Stela do Patrocínio conseguiu encontrar força nas palavras. Não pela escrita, mas pela fala, que era a sua maneira de se impor ao mundo cruel. Ela se destacava entre os demais naquele lugar. E dessa linguagem, que não é apenas um delírio, foi possível construir uma literatura singular, na qual dialogam interlocutor e ouvinte, pois a elaboração desse livro só se tornou possível porque alguém se dispôs a escutar e passar para o papel, em uma delicada transcrição na qual as vozes daquela que diz com a de quem escreve se misturam. Viviane Mosé e Stela do Patrocínio estão presentes no texto que chega ao leitor.

A COLÔNIA JULIANO MOREIRA

A loucura, segundo Monique Plaza em seu livro *A escrita e a loucura*, evocaria em um mundo confuso os sobressaltos de um pensamento que perde os seus limites. A entrada no hospício, a nudez imposta nesta passagem para o mundo isento das ameaças do fora, retira também qualquer possibilidade de afirmação ou de legitimidade das vozes que de dentro dele emergem. Para os internos de um hospital

psiquiátrico o espaço é claustrofóbico e constantemente comparado à prisão, lugar onde a ordem e a previsibilidade do cotidiano não permitem surpresas.

A “cura” neste espaço sombrio só será possível se o doente descobrir artimanhas para fugir, ou melhor sobreviver a uma existência que parece estar fadada a dor e ao abandono. Abaixo podemos observar uma “fala” de Stela do Patrocínio sobre como a mesma enxerga sua existência:

Eu sobrevivi do nada, do nada
Eu não existia
Não tinha uma existência
Não tinha uma matéria
Comecei a existir com quinhentos milhões
e quinhentos mil anos
Logo de uma vez, já velha
Eu não nasci criança, nasci já velha
Depois é que eu virei criança
E agora continuei velha
Me transformei novamente numa velha
Voltei ao que era, uma velha
(PATROCÍNIO, 2009, p. 72)

O texto/fala de Stela do Patrocínio é um depoimento sobre o que foi a assistência psiquiátrica das décadas de 60 a 80 em um grande manicômio, a Colônia Juliano Moreira. É a visão de alguém que possivelmente viveu, sentiu e experimentou aquela dura realidade, transformando em linguagem o que muitas vezes não é possível apreender.

Esse espaço foi inaugurado em 1924, para as atividades de duas antigas colônias de alienados – Colônia Conde de Mesquita e Colônia S. Bento – já consideradas em condições inadequadas. Em 1918, o governo brasileiro libera as terras do antigo engenho e, no ano seguinte, começava a construção da então Colônia de Psicopatas-Homens, renomeada Colônia Juliano Moreira em 1935. O intuito do espaço nunca foi o de integrar o “doente” na sociedade, e sim, esconder e não permitir que tivesse qualquer visibilidade.

Mas foi na década de 1940 que a Colônia Juliano Moreira recebeu o maior número de pacientes. Os pacientes vinham em grande parte do Hospital Nacional Psiquiátrico, herdeiro do antigo hospício e que, a essa época, transferia seus pacientes remanescentes na Praia Vermelha para a Colônia Juliano Moreira e para o Centro Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro.

Em 1951, a Colônia abrigava cerca de 3.800 enfermos de ambos os sexos e tinha como principais unidades hospitalares 4 clínicas psiquiátricas. No que se refere aos recursos terapêuticos utilizados ao longo da década de 1940, a Colônia passou a empregar a convulsoterapia, o choque insulínico, o eletro-narcole e a psicocirurgia. As principais atividades relativas à praxiterapia eram: lavoura de cereais e hortaliças, pecuária e pequenas indústrias, destacando-se entre estas as de artefatos de vime e de colchões, com cerca de 1600 doentes, “classificados em trabalho”.

A Colônia Juliano Moreira pertence à planície de Jacarepaguá, compreendida entre os maciços da Tijuca e da Pedra Branca. Foi construído, em 1664, o Engenho de Nossa Senhora dos Remédios que, no século XVIII, passou a ser denominado Engenho Novo de Jacarepaguá. A instituição aproveitou parte da estrutura dessa fazenda existente.

Atualmente, estão concentradas no Núcleo Histórico Rodrigues Caldas as construções mais antigas da Colônia Juliano Moreira, reminiscências da época do engenho: a sede, a capela de Nossa Senhora dos Remédios e o sistema de aqueduto, tombados pelos órgãos públicos de patrimônio. O lugar é rota para os visitantes que queiram compreender a relação entre patrimônio, paisagem e história que permeiam o território da Colônia.

No início do século XX, a área é desapropriada para o desenvolvimento de um projeto de tratamento psiquiátrico, considerado na época inovador, que consistia na recuperação dos alienados pelo trabalho em colônias agrícolas. Em pouco tempo, o projeto terapêutico tornou-se obsoleto, perdendo a sua característica de reabilitação pelo trabalho para se transformar em um depósito de gente, loucos considerados socialmente irrecuperáveis.

Conhecida como “cidade hospitalar” ou “cidade dos loucos”, a Colônia chegou a abrigar cerca de cinco mil pacientes. Na década de 80, a instituição iniciou uma transformação do seu modelo manicomial em consonância com a Reforma Psiquiátrica em andamento em diversos países. Os internos ali eram tratados como animais enjaulados.

As pessoas estão reduzidas a um amontoado sem forma e sem rosto. Segundo Michel Foucault, no livro *A ordem do discurso*, ao longo da história, o louco nunca teve sua fala considerada e era através de suas palavras que se reconheciam os seus desvarios. Por isso, mais uma vez vale ressaltar que o artigo pretende então trazer

para debate àqueles que sempre foram excluídos e colocar em voga a voz abafada e muitas vezes sufocada daqueles que só conheceram a dor e o preconceito, pois seu discurso nunca foi legitimado, como podemos observar abaixo:

Eu gosto mesmo é de escrever
De fazer número
Em papelão
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia
Quando eu tô com vontade de falar
Tenho muito assunto muito falatório
Não encontro ninguém para quem eu possa conversar
Quando não tenho uma voz mais
Não tenho falatório
Uma voz mais
Vocês aparecem
E querem conversar conversar conversar
(2009, p.131)

A entrada no hospício, a nudez imposta nesta passagem para o mundo isento das ameaças do fora, retira também qualquer possibilidade de afirmação ou de legitimidade das vozes que de dentro dele emergem. Mas como proteger-se agora da paralisia daqueles que não tem nome, nem lugar? Mais uma vez em sua fala, que nos soa como um ruído que incomoda, podemos perceber o quão duro é estar em um espaço que cerceia qualquer tipo de liberdade e não permite que o interno possa transitar de acordo com seu desejo, como é possível observar:

Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo
portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no
portão
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais
(2009, pag. 47)

A cura neste espaço sombrio, cujos uniformes azuis contribuem para a construção de um cenário depressivo, só será possível se o doente descobrir artimanhas para fugir ou “despistar” a loucura. Através da palavra dita, a interna, ou seja, aquela que conta, encontra um sinal de esperança, pois a sua fala atuou como um murmúrio contínuo dentro do silêncio penoso da instituição. E ainda segundo Monique Plaza:

A loucura pode penetrar na escrita sem suscitar a rejeição do leitor,

quando é posta à distância, aclimatada. Um autor tem duas possibilidades para produzir um texto sobre a loucura que não seja julgado louco: pode testemunhar a sua própria loucura, dar conta, de forma crítica, das divagações e dos prazeres que ela lhe trouxe, ou construir uma ficção literária onde a aventura da loucura se instala e se desenrola. (1986, p.113)

Outro ponto importante que podemos observar é em relação à urgência de ser em um ambiente de degradação, a urgência de ser para si e para os outros. Pois um espaço que deveria ser voltado para cura e a reintegração do interno, tornou-se um lugar de assombro e tortura, no qual o doente muitas vezes piorava ao invés de melhorar.

STELA DO PATROCÍNIO E SUA OBRA

Stela do Patrocínio teve sua primeira internação psiquiátrica em 1962, no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, e em 1966 foi transferida para então Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, onde permaneceu por quase 30 anos, até o fim de sua vida, em 1992. Nunca foi achado nenhum parente e ninguém nunca procurou por ela. Por isso, mais uma vez, a importância de dar voz aqueles que não são reconhecidos. Nestes lugares há um apagamento das individualidades, do desejo e da singularidade.

Como podemos observar no fragmento abaixo, a crise já começa pela maneira que a autora possivelmente se enxerga em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, se identificando com elementos que na maior parte das vezes não são bem vistos:

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro camelo onça
Tigre leão dinossauro
Macacos girafas tartarugas
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro jardim zoológico
Quinta da Boa Vista
(2009, p.110)

Como é possível perceber no trecho destacado, a estrutura do texto não segue

nenhuma norma – seja estrutural ou gramatical –, e os elementos são fortes, tem um intuito de chocar. O espaço de clausura, desde a sua criação, nunca foi realmente pensado na cura e na melhora daqueles que precisavam. Muito pelo contrário, *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* é um relato muito importante para luta antimanicomial, pois sendo fruto de gravações realizadas no período de 1986 a 1989, foi possível termos um pouco mais de conhecimento do que realmente acontecia na instituição.

Por isso, mais uma vez podemos afirmar que tem uma grande importância tanto no campo literário e artístico quanto social, pois antes de qualquer coisa é um grito contra os abusos sofridos por todos aqueles que tiveram seus sentidos privados por qualquer motivo que fosse.

A vida cotidiana é aqui pensada como uma maneira de existir na qual o sujeito estabelece relações conforme suas possibilidades de ação. O cotidiano descrito na fala de Stela não é aqui percebido como um simples pano de fundo, ou cenário pronto onde atuou a personagem em questão, mas como limite e origem de sua construção autobiográfica.

Nunca foi achado nenhum parente e ninguém nunca procurou por ela. Por isso, mais uma vez, a importância de dar voz àqueles que não são reconhecidos. Pois, como os demais, ela foi uma sobrevivente do processo de mortificação característico das instituições psiquiátricas. Nestes lugares, há um apagamento das individualidades, da subjetividade, do desejo e da singularidade. As pessoas estão reduzidas a um amontoado sem forma e sem rosto. Não há diferenças.

O mundo do hospício será o mundo do confinamento, da reeducação para o bom funcionamento da sociedade além dos muros, e, esses teriam como função, separar o mundo de dentro do mundo de fora. E, se é um local – espaço próprio de um grupo específico – de desencanto, em que momento surge o fazer literário? A literatura se apoderou do tema para constituir seu fazer poético. Abaixo podemos perceber como o espaço é sombrio e sem maiores surpresas, um dia igual ao outro:

Todo dia dá segunda terça quarta quinta sexta-feira
sábado domingo
janeiro fevereiro março abril maio junho julho
agosto setembro outubro novembro dezembro
Estamos no mês de junho e hoje é quarta feira
Do dia não sei (2009, pag. 102)

Ou seja, o espaço literário passou a ser legitimado como uma das formas de se expressar ou de falar sobre aquilo que tanto incomoda a sociedade: os excluídos, nesse caso, os loucos. Nem sempre é possível saber qual é o limite entre a lucidez e a insanidade, e em alguns momentos o escrito passa a ser uma literatura de testemunho, de memória. Abaixo podemos observar como a mesma se percebe:

Eu sou Stela do Patrocínio
Bem patrocinada
Estou sentada numa cadeira
Pegada numa mesa nega preta e crioula
Eu sou nega preta e crioula
Que a Ana me disse.
(2009, pag. 58)

E, dentre os motivos que nos inclinam a realizar tal estudo, destaca-se a indignação diante dos maus tratos que os excluídos da razão sofreram e ainda sofrem. Essa indignação foi decisiva para a definição dos rumos da pesquisa realizada no curso de mestrado, no qual estudei a obra de Maura Lopes Cançado, analisando com detalhe o seu livro *Hospício é Deus*, e um pouco mais superficialmente o livro de contos *O sofredor do ver*.

E para que pudesse continuar os estudos no doutorado, seguindo o mesmo tema, foi necessário acrescentar outros autores, para que tivesse mais material para análise e possíveis comparações fossem realizadas. Os selecionados foram Stela do Patrocínio, que sigo adiante na construção desse artigo, e Rodrigo de Souza Leão. Os três autores estiveram em manicômios em momentos distintos.

Stela do Patrocínio, como os demais citados, pertence “às aquelas existências que estão destinadas a não deixar rastro”, esquecida, varrida da história por uma internação de trinta anos. Através de seu discurso, a vida cotidiana na instituição “é trazida à luz”. Ela agiu, não se calou, jogou com sua única possibilidade de ação diante dos limites institucionais: a sua fala, permeada por perplexidade, indignação e sem dúvida, muita lucidez.

A interna, em muitos momentos, mostrava-se com tanta clareza, que conseguia construir e expressar sua crítica a todos aqueles envolvidos com o trabalho em um hospital psiquiátrico como podemos observar no fragmento abaixo:

Aqui no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pense
Eles vivem sem pensar
Comem bebem fumam
No dia seguinte querem saber
De recontinuar o dia que passou
Mas não tem ninguém que pense
E trabalhe pela inteligência
(2009, pag.53)

Nas palavras de Viviane Mosé, podemos observar um pequeno esboço do que seria um entendimento acerca do que mais se aproxima da ideia que queremos apresentar aqui, quando a responsável pela criação da coletânea nos diz:

É sempre fundamentos móveis, sobre a água corrente, que sustentamos nossa produção de sentido: é esta “verdade” que a loucura manifesta em seu discurso, e que obstinadamente a racionalidade buscou excluir. A explicitação deste processo é o caminho que a linguagem parece estar tomando: uma linguagem dobrada sobre si mesma, que não fala mais do que da possibilidade ou da impossibilidade mesma de falar. A fala de Stela do Patrocínio é valiosa antes de tudo pelo que diz: ela registra um lugar, uma condição, a da internação em regime fechado, que já desaparece de nossa cultura. Mas é muito mais valiosa pelo caráter vitorioso de sua conquista de exterioridade: ler e ouvir Stela é integrá-la no discurso que um dia a excluiu.” (2009,pag. 34-35)

Como o trecho acima nos mostra, o discurso do louco se mantém em sua fragmentação delirante, e quando o autor fala de sua própria fala, sobre a sua criação, a sua linguagem, de uma maneira mais elaborada, nada mais é do que se desdobrar.

Segundo Erving Goffman, em *Estigma*, o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificam e o receberão. E esse é um dos grandes problemas que o louco sofrerá ao longo de sua trajetória, a não ser quando é possível escapar:

Nos muitos casos em que a estigmatização do indivíduo está associado com sua admissão a uma instituição de custódia, como uma prisão, um sanatório ou um orfanato, a maior parte do que ele aprende sobre o seu estigma ser-lhe-á transmitida durante o prolongado contato íntimo com aqueles que irão transformar-se em seus companheiros de infortúnio. (GOFFMAN, 2008, p.46)

No entanto, a escrita não para de se afirmar como o lugar onde é possível encontrar modos de fuga para este aprisionamento que os sufocam desde muito cedo. É através da escrita que Stela do Patrocínio e outros autores conseguem permanecer

em um lugar um pouco mais “seguro”. Porém, para isso, necessita-se que alguém se disponha a recebê-las do outro lado, não deixando que se percam no vácuo. E segundo Viviane Mosé o que a razão quer é rejeitar uma parte da vida, a que muda, a que delira, a que morre. E o que a razão quer é produzir um mundo de identidades e verdades, um mundo previsível e claro (2009, p.16). Abaixo podemos perceber a preocupação de Stela do Patrocínio em relação à transmissão de suas palavras:

Este gravador está gravando?
Parece um livro de reza, está comportado
Muito comportado, está se comportando
Ele poderia ser como um rádio mesmo
Mas está parecendo um livro de reza
Ele não fala.
(2009, p. 129)

Ao descrever a experiência de loucura, a interna encontra outras pontes para o nosso universo familiar: o sonho, o tédio, a paixão, a cólera, a dor, a angústia, a depressão. A urgência de ser e manifestar a individualidade num ambiente degenerado e que por vezes se consideravam degradados em razão da doença mental, tem na escrita uma forma de se impor, manifestando e afirmando sua individualidade, sua singularidade. E mais uma vez Viviane Mosé nos informa um pouco sobre a dona da fala:

Stela do Patrocínio sempre chamou atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Parecia uma rainha, não se portando como as outras, que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco. (...) Algumas vezes escrevia em papelão, frases ou números. Mas o que realmente diferenciou Stela no grupo foi a sua fala. Ao contrário das outras internas, que aceitavam se relacionar com tintas e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza dessa preferência. (MOSE, 2009, p. 14)

E nesse labirinto discursivo em que se configura a obra, envolvida que está por um emaranhado de palavras que dizem e aparentam dizer sempre um algo a mais, é que se busca investigar a escrita, para que assim se possam reconhecer os gestos de silêncios e ouvir até o mais audível grito de socorro, que usam a linguagem como forma de manifestação. A linguagem segue um fluxo de ideias sem a preocupação de uma lógica linear. Ao mesmo tempo em que, como

podemos observar no trecho abaixo, mais uma vez a instituição é alvo de críticas:

Eu vim do Pronto socorro do Rio de Janeiro
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e
remédio
E era um banho de chuveiro, uma bandeja de
alimentação
E viagem sem eu saber para onde ia
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova
(2009, p. 45)

Como resultado da escrita híbrida na qual se amalgamam silêncio e loucura, se concebe a obra, e o primeiro elemento que contribui para o entrecruzamento desses elementos é a teia intertextual que ele apresenta. A fala de Stela atuou como um murmúrio contínuo dentro do silêncio penoso da instituição. A tessitura autobiográfica criada pela personagem institui percepções a respeito de si que se entrelaçam ao espaço institucional. Sob esta perspectiva, propõe-se a partir de agora percorrer alguns temas recorrentes em seu discurso, encontrando a Colônia Juliano Moreira na fala de Stela do Patrocínio que é sempre muito crítica nos deixando quase sempre em um estado de reflexão. E como podemos observar abaixo, o uso excessivo dos medicamentos, não passam em branco:

O remédio que eu tomo me faz passar mal
E eu não gosto de tomar remédio pra ficar
Passando mal
Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico
Cambaleando
Quase levo um tombo
E se eu levo um tombo eu levanto
Ando mais um pouquinho, torno a cair.
(2009, p. 46)

Percebe-se que em seus escritos foram permeados por um grande conflito, uma luta maior: entregar-se à determinação dos códigos, sendo um número a mais no hospício, ou esquivar-se dessa entrega, fazendo valer sua singularidade, autenticidade, alteridade. E parece que o que prevaleceu foi a sua singularidade, segurança dos códigos, seus rótulos, em um tipo de postura um pouco irreverente.

Em sua fala, a vida cotidiana na instituição é desenhada como um modo de existência em que o indivíduo cria suas próprias relações na base de sua própria possibilidade de ação. Stela não se calou, manteve a sua fala, permeada por perplexidade, indignação e sem dúvida, muita perspicácia. Assim podemos dizer que

o seu discurso é áspero, desenha significados obscuros, difíceis de lidar, e certamente causará constrangimento aos leitores mais desavisados. Nas palavras de Mosé sobre o processo de criação de ambas podemos observar que :

(...) Outra consideração que merece ser feita é em relação à correção gramatical: Stela raramente cometia erros. Mesmo depois de quase trinta anos isolada, vivendo em um ambiente como sabemos ser o hospital psiquiátrico, ela raramente deslizava, o que me poupou correções. A única interferência nesse sentido que optei por fazer foi, algumas vezes, substituindo o “tô” por “estou” ou ainda o “tive” por “estive”, o que fiz somente quando havia uma repetição muito grande de termos, carregando a escrita de um peso que não havia no texto falado. (...) Gostaria, ainda, de ressaltar que em nenhum momento fiz cortes internos ao texto, quero dizer, quando selecionei fragmentos estes foram publicados em sua totalidade, isoladamente. O contrário disso seria cair no erro de construir um novo poema “colando” partes antes isoladas. Isto não foi absolutamente feito.(2009, p. 20-21)

Logo, cabe salientar, mais uma vez, que a fala de Stela foi transformada em escrita. Assim, não foi ela quem escreveu os textos aqui citados e jamais saberemos como os teria escrito. Estes foram transcritos e selecionados por Viviane Mosé, organizadora, em função da conexão e encadeamento de assunto estabelecido entre eles. Portanto, o que temos é uma parceria entre aquela que diz e aquela que ouve e delicadamente transcreve. Stela e Viviane juntas renderam bons frutos.

ALGUMA CONCLUSÃO...

Transpor a fala para a escrita não é reproduzir o que foi dito, pois a escrita não consegue apreender a fala em sua musicalidade e minúcias próprias. Assim, os textos transcritos ressignificam a fala de Stela e instituem uma situação intransponível que não nos permite chegar a sua fala original, mas somente a um possível efeito daquilo que Stela quis dizer, ou melhor, do que acreditamos que tenha sido. Ciente de tais limitações, pretende-se aqui percorrer a fala dela, assim, Viviane Mosé explica um pouco mais sobre a estrutura do livro, pois nada do que está escrito é aleatório ou por acaso:

Quanto à estrutura do livro, sua composição em partes, o que me ocupou foi uma tentativa de aproximação da fala como um todo: ouvi inúmeras vezes os textos, percebi as repetições temáticas, as repetições literais, frases que ela gostava. Ao poucos, não pude me

furtar de perceber o encadeamento entre os assuntos, a conexão dos temas, a malha de sentido que fazia transparecer uma perspectiva, uma configuração, um olhar. O que saltava daqueles textos era o olhar de Stela diante da vida, um olhar marcado por uma incrível perplexidade. (MOSE, 2009, p. 21)

Conforme colocado anteriormente, nos 30 anos de internamento, Stela do Patrocínio não recebeu uma única visita e, a despeito das tentativas da equipe médica, sua família nunca foi localizada, fato que refletiu em sua fala, pois o abandono e o esquecimento é algo praticamente impossível de ser olvidado.

Na década de 80, a instituição iniciou uma transformação do seu modelo manicomial em consonância com a Reforma Psiquiátrica em andamento em diversos países. Aboliu-se o eletrochoque e a lobotomia e foram proibidas novas internações de longa permanência. Um programa de desinstitucionalização foi desenvolvido para promover a transferência progressiva de pacientes para fora do regime hospitalar.

Desde 1999, tramita um Projeto de Lei Municipal que transforma a Colônia no mais novo bairro da cidade do Rio de Janeiro. No presente, a atenção à saúde mental foi reformulada e o serviço voltado à população e a estrutura remanescente do antigo modelo são, hoje, administrados pelo Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, instituição pública da Secretaria de Saúde da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que abriga e mantém na sua estrutura o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea.

Porém, por mais que as transformações aconteçam, e têm que acontecer, o que não deve prevalecer é o esquecimento e o silêncio em torno de tudo que ocorreu. Por isso, a importância da fala e da escrita, e do resgate que Viviane Mosé fez ao ouvir Stela do Patrocínio e de uma maneira cuidadosa organizar e nos presentear com um livro. *Reinos dos bichos e dos outros animais* é um pedido de socorro, um ruído, um falatório, mas acima de tudo é o resultado de uma parceria em que dizer/ouvir e escrever/ler estão intimamente ligados.

Referências

ESSLIN, Martin. *Artaud*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Coleção margens. Lisboa: editorial Stampa, 1989.

SZASZ, Thomas. *O mito da doença mental*. São Paulo: Zahar editores, 1974.